



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB SOBRE A
TOXICODENENDENCIA, DELINQUÊNCIA JUVENIL E VIOLÊNCIA NA
GUINÉ BISSAU**

MAMADU MUSTAFA BARI

Redenção - CE

2016



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB SOBRE A
TOXICODENENDENCIA, DELINQUÊNCIA JUVENIL E VIOLÊNCIA NA
GUINÉ BISSAU**

MAMADU MUSTAFA BARI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador:

Professor Doutor Carlos Subuhana

Redenção - CE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

BARI, Mamadu Mustafa

131e

A Percepção dos estudantes guineenses da UNILAB sobre a toxicodependência, delinquência juvenil e violência na Guiné Bissau. / Mamadu Mustafa Bari. Redenção, 2015.

90 f.: il.; 30 cm

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Orientador (A): Prof. Dr. Carlos Subuhana

Inclui Lista de siglas, Referências e Anexos

1. Guiné Bissau. 2. Delinquência. 3. Juventude. 4. Violência. 5. Toxicodependência I. Título. II. Subuhana, Carlos.

CDD 325

MAMADU MUSTAFA BARI

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB SOBRE A
TOXICODPENDENCIA, DELINQUÊNCIA JUVENIL, VIOLENCIA NA
GUINÉ BISSAU**

MAMADU MUSTAFA BARI

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Bacharelado em
Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira como parte dos
requisitos necessários para a obtenção do
título de Bacharel.

Redenção – CE, 22 de Agosto de 2016

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR: Professor Doutor Carlos Subuhana
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutor Leandro de Proença Lopes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Doutora Jeannette Filomeno Pouchain Ramos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUPLENTE

Professor
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Professor Doutor
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

MAPA DA GUINÉ-BISSAU



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família em geral, mas queria dedicar em especial aos meus pais (im memorian) que fizeram de tudo para me colocar na escola, eles se sentiriam muito orgulhos de me verem formado, mas infelizmente o destino não lhes permitiu. Descansem em paz. Dedico este trabalho também a meus irmãos mais velhos (Mamadu Lamarana Bari, Zecarias Bari, Mutaro Bari, Aissatu Bari, Umaro Bari) que sempre me acompanharam, apoiaram e me incentivaram desde criança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu guia e protetor, pelo dom da vida e da fé, e por iluminar minha mente e todo meu caminho, de modo a concretizar este trabalho.

Aos meus queridos irmãos, Mamadu Lamarana Bari, Fatumata Bari, Cadidjatu Bari, Braima Bari, Zecarias Bari, Mutaro Bari, Aissatu Bari, Umaro Bari e Lamarana Bari, pelo amor e carinho, sobretudo pelo apoio moral e financeiro e a todos meus sobrinhos, para que sigam o mesmo exemplo, para crescimento da Guiné-Bissau.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) pelo acompanhamento dado nessa primeira parte do meu percurso académico. Agradeço a todos professores que direta ou indiretamente contribuíram para nossa formação e sempre mostraram disponíveis em ensinar.

Ao meu orientador, professor Doutor Carlos Subuhana, por assumir este compromisso com muita garra, determinação e muita responsabilidade, mostrando ser um grande profissional. A minha eterna gratidão!

Aos meus companheiros de batalha, Jim Thomas, Momente Lima, Marcelo Luís Monteiro, pelo convívio e por todo apoio moral e material que sempre me prestaram durante esta caminhada.

A todos meus colegas de curso, o meu profundo agradecimento pelos momentos vividos.

A todos que tornaram possível realização deste Trabalho de Conclusão de Curso meu profundo agradecimento.

EPÍGRAFE

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (Paulo Freire)

RESUMO

BARI, Mamadu Mustafa. **A Percepção dos estudantes guineenses da UNILAB sobre a toxicodependência, delinquência juvenil e violência na Guiné Bissau**. Redenção, 2016. TCC (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), 2016.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo geral fazer um breve estudo sobre a toxicodependência, delinquência juvenil e violência na Guiné-Bissau, com o intuito de desvendar as causas da toxicodependência e da delinquência juvenil na sociedade guineense. Por outro lado, procuramos saber o que leva um número considerável de jovens a preferir a delinquência, em vez de apostar nos estudos e/ou arrumar emprego. A principal questão teórica usada durante a pesquisa foi a toxicodependência. Outros temas, como a delinquência, delinquência juvenil, criminalidade, violência, entre outros foram analisados a partir da questão principal. Trata-se de um estudo descritivo, realizado através de um estudo de caso com abordagem qualitativa. Os dados e os materiais aqui analisados foram coletados através de entrevistas - com questões abertas e fechadas - com os estudantes guineenses na UNILAB e a análise teve como base um referencial teórico multidisciplinar. No total foram realizadas 10 (dez) entrevistas, numa média de 40 minutos por entrevista. A partir da análise dos dados coletados, foi possível perceber que o problema da droga/toxicodependência na Guiné-Bissau é gravíssimo e requer políticas públicas concretas para reduzir a dor e o sofrimento dos toxicodependentes e suas famílias, embora evidentemente não sejam de pouca importância a segurança, a defesa, a justiça e a contenção do narcotráfico. Revelam-se ainda índices razoavelmente preocupantes com relação ao crescente número de meninas envolvidas no mundo do crime. Conclui-se, a partir do estudo, que na Guiné-Bissau existe uma interação estreita, embora não causal, entre criminalidade, violência e as condições socioeconômicas. Daí que muitas avaliações de programas bem-sucedidos no combate à criminalidade encontrem em intervenções sociais seus resultados mais positivos.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, Delinquência juvenil, Violência, Toxicodependência.

ABSTRACT

BARI, Mamadu Mustafa. **A Percepção dos estudantes guineenses da UNILAB sobre a delinquência juvenil na Guiné Bissau**. Redenção, 2016. TCC (Bacharelado em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), 2016.

Keywords: Guinea-Bissau,

LISTA DE SIGLAS

CFA – Comunidade Financeira Africana

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

ONGs - Organizações Não Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OMS - Organização Mundial de Saúde

PIB - Produto Interno Bruto

PALOP - Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa

PNUD - *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*

UEMOA - União Econômica e Monetária Oeste-Africana

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CÁPÍTULO I: GUINÉ-BISSAU	26
II. Localização geográfica	26
CÁPITULO II. A toxicoddependência na Guiné-Bissau	28
II. I Difusão e tipos de droga na Guiné-Bissau	33
CÁPITULO III. A Delinquência juvenil e violência na Guiné Bissau	40
III. I Delinquência	40
III. II Delinquência juvenil	42
III. III Violência e Criminalidade	44
III. IV Drogas: principal causa da alteração da atividade mental, delinquência e violência 47	
Conclusão	50
Referências Bibliográficas	52
ANEXOS	53
ANEXO I: Roteiro de entrevistas	53
ANEXO II: Apresentação dos Entrevistados	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal desvendar as causas da delinquência juvenil nas camadas jovens da sociedade guineense. O TCC tem como objetivo saber o que leva as camadas jovens a preferir a delinquência, em vez de apostar nos estudos e/ou arrumar emprego. A pesquisa foi realizada com os estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) na cidade de Redenção.

O interesse por esse tema de pesquisa começou na Guiné-Bissau, enquanto estudante do ensino fundamental. Desde então, tem sido um assunto que sempre me deixa preocupado, principalmente por ver um número considerável de jovens, na idade escolar, abraçarem a delinquência. Como um acadêmico, acredito que é minha obrigação procurar saber as causas dessas delinquências, através de uma pesquisa acadêmica e contribuir também com materiais acadêmicos sobre delinquência juvenil, para auxiliar nos pesquisadores que se interessarem por temas similares.

Questão teórica

A principal questão teórica a ser discutida nesse TCC é a toxicod dependência. Outros temas, como a delinquência, delinquência juvenil e violência, entre outros serão analisados a partir da questão principal. O uso de drogas não é um fenômeno recente, desde sempre se conhece a sua utilização nos mais variados âmbitos, religioso, médico, científico, estético, militar e em práticas culturais (Valentim, 1997; Ló, 2005; Fonte, 2006; Marques, 2008 apud Có Junior, 2013). Porém, a sua conceptualização, passou de um comportamento privado, restrito a determinados grupos da sociedade, a fenômeno social.

De acordo com as teorias apresentadas nas ciências sociais, a toxicod dependência é um fenômeno construído socialmente, na medida em que o que o caracteriza é criado e influenciado pelas atitudes e interpretações dos membros de uma sociedade, tornando-o complexo e de difícil conceptualização.

No campo médico-psicológico, toxicod dependência define-se como categoria caracterizada pela presença de sinais e sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que

indicam que o indivíduo perdeu o controlo sobre o uso de substâncias psicoactivas e continua a consumi-las apesar das suas consequências adversas” (Valentim, 1997 apud Có Junior, 2013), com a finalidade de “conseguir os efeitos psíquicos e [/ou] suprimir o mal-estar decorrente da sua falta.” (Patrício, 20015 Apud Có Junior 2013).

Assim sendo, o toxicodependente é:

Definido, como aquelas pessoas (normalmente uma minoria nos consumidores de drogas) cuja vida está centrada na dependência duma substância a tal ponto que produz consequências como: sérios transtornos físicos ou psicológicos; impossibilidade ou dificuldade de livrar-se da dependência, inclusive quando ela é vivida como destrutiva e, eventual aparição da síndrome de abstinência (Jervis, 2006 Apud Có Junior, 2013).

A Toxicodependência como problema Sociológico

Junior Có (2013) diz que quando falamos em toxicodependência referimo-nos inevitavelmente ao uso e abuso de drogas, contudo, apenas nos reportamos a algumas delas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) *droga* é “qualquer substância que uma vez mais introduzida num organismo vivo pode modificar uma ou várias das suas funções” (Marques, 2008 Apud Junior Có, 2013), “e que, enquanto tal, cria mais ou menos facilmente uma situação de dependência” (Jervis, 2006 Apud Junior Có, 2013). Nesta definição estão compreendidas tanto as drogas ilegais, como medicamentos, álcool e alimentos. Todavia, tomar café ou álcool ou fumar cocaína não produz socialmente os mesmos significados. No seguimento deste pensamento, Oriol Romaní (2008 Apud Junior Có, 2013) apresenta uma definição mais completa, considerando as drogas como “ substâncias químicas que incorporadas no organismo humano, têm capacidade de modificar várias funções deste (percepção, conduta, motricidade, etc.); mas cujos efeitos, consequências e funções são produto das definições sociais, culturais, económicas e políticas que as populações das diferentes formações/estratos sociais elaboram num contexto histórico em que situam as suas práticas”.

Ou seja, a diferença entre drogas ilícitas/lícitas; leves/duras; medicinais/abusivas; adictas/benéficas não é definida tendo em conta a sua constituição/farmacologia, mas sim a forma como são politicamente categorizadas e socialmente

construídos os seus significados, ou como refere Luís Fernandes (2006 Apud Junior Có, 2013) droga é “aquilo que uma formação social diz que é droga”, nesse sentido, uma mesma substância pode ser considerada droga nuns países e noutros não, assim como pode ser considerada ilegal nuns e noutros não.

No que diz respeito ao conceito de *dependência*, esta define-se, segundo a OMS, como um “estado de necessidade física e/ou psíquica de uma ou mais drogas, resultante do seu uso contínuo ou periódico” (Fonte, 2006 Apud Junior Có, 2013), ou seja, a dependência ocorre quando o organismo se “habitua” à substância consumida, deixando de conseguir funcionar normalmente sem ela, esta é considerada como dependência física, por outro lado, a dependência psíquica ocorre quando o próprio indivíduo sente uma necessidade e um desejo incontrolável de consumir (Fonte, 2006 Apud Junior Có, 2013).

Artur Valentim (1997 Apud Junior Có, 2013) apresenta três grandes períodos na história das teorias da dependência e/ou da toxicodependência. Até aos anos 30, do séc. 20, a ênfase da explicação da dependência era colocada na substância, estando assim dominado por um paradigma *unifactorial*. De seguida, e até aos anos 70, dominava o paradigma *bi-factorial*, em que a importância era dada à substância juntamente com o indivíduo. Posteriormente e até hoje prevalece o paradigma *bio-psico-social*, em que se acrescenta à substância e ao indivíduo o contexto sócio-cultural em que ele está inserido. Neste contexto passa-se a ter em conta variáveis como “o estatuto social, o nível de educação, os grupos de interação, os padrões familiares, a pertença sócio-geográfica e todo o universo de valores, crenças e atitudes sociais que moldam os comportamentos de consumo dos indivíduos” (Valentim, 1997 Apud Junior Có, 2013).

Consoante a ênfase que é dada a cada uma das variáveis apresentadas, assim como das suas relações (substância, indivíduo e contexto), H. Nowlis (Apud Junior Có, 2013) apresenta quatro modelos diferenciados:

1. O *modelo jurídico-moral*, que defende que o problema da toxicodependência reside na substância;
2. O *modelo médico ou de saúde pública*, neste a toxicodependência é encarada como uma doença, e por tal, como refere o modelo biomédico, os indivíduos “doentes” devem ser tratados.
3. O *modelo psicossocial* coloca a ênfase no indivíduo, o consumo ocorre porque esse desempenha uma função para o indivíduo, nesse sentido o contexto surge

como o elemento onde o indivíduo encontra os seus quadros de referência e que o influenciam na utilização, ou não, de drogas.

4. Por último, o *modelo sócio-cultural* dá realce ao contexto, na medida em que é a sociedade que define o que são, quais os limites e as consequências da utilização de substâncias, e ainda define as condições sociais em que o indivíduo se encontra.

Toxicodependência enquanto fenômeno social

Independentemente do tipo de envolvimento que o indivíduo tem com a substância existe um conjunto de dimensões sociológicas que nos permitem caracterizar a toxicodependência como fenômeno social. Fernando Nogueira Dias (2002, Apud Junior C6, 2013) apresenta nove dimensões da toxicodependência. *Visibilidade Social*, a toxicodependência deixou de ser um ato pessoal e privado, para passar a envolver organizações e instituições, passou igualmente a ser uma temática debatida na esfera pública. *Estrutura de relações sociais e Mobilização Social*, atualmente, este fenômeno mobiliza imensas redes de indivíduos, nas quais se estabelecem relações sociais. Se por um lado, se considera o uso de drogas como um ato individual, existe todo um processo que envolve indivíduos à escala mundial (desde a produção ao processamento em laboratórios, do tráfico ao consumo).

Por outro lado, não se pode esquecer todo o conjunto de instituições, organizações e as próprias famílias que sempre estão implicadas em todo o processo. *Espaço Social*, a toxicodependência está presente no espaço íntimo e pessoal de cada indivíduo, mas também nas ruas, nas instituições e nas casas de cada dependente, de forma real e virtual. *Tempo Social*, este representa o tempo em que esta temática se torna moda, o tempo das políticas, dos programas e das solidariedades, que são cada vez mais pertinentes nos “tempos” atuais. *Consequências Sociais* da toxicodependência referem-se aos efeitos que esta tem sobre as famílias, a comunidade, e as organizações e/ou instituições a que está ligada, não existem apenas as consequências físicas, psíquicas e emocionais relacionadas com o próprio indivíduo. *Reflexividade*, como indivíduos reflexivos que somos, a discussão sobre a toxicodependência surge e já não é tabu, hoje existem diferentes correntes de opinião, assim como diferentes modelos de prevenção e tratamento.

Discursos Sociais estes, apesar de ainda serem, em certa medida, cobertos de estereótipos, são produzidos em todos os estratos sociais, todos os indivíduos possuem uma opinião e/ou conhecimento sobre este fenômeno. Por último, mas não menos importante, a dimensão dos *Sistemas de Conhecimento*, a existência destes possibilita um conhecimento mais aprofundado sobre o fenômeno da toxicodependência, permitindo, assim, uma maior reflexão e percepção do problema em si, para ser possível uma cada vez melhor intervenção.

Em suma, poderá definir-se toxicodependência como um fenômeno multifatorial “com componentes genéticos, biológicos, comportamentais, psicológicos, familiares, socioculturais e políticos, o que traduz uma perspectiva e uma abordagem transdisciplinar” (Torres, Ló, 2005 Apud Junior C6, 2013). Por outro lado, deixou de ser um problema que afeta apenas os próprios indivíduos, para passar a afetar e responsabilizar toda uma sociedade.

Toxicodependência Enquanto Processo: Do prazer à dependência

Nos primeiros tempos o uso de drogas é equivalente a uma sensação de prazer e euforia, os indivíduos sentem-se capazes, valorizados pelo grupo de pares e a sua autoestima é elevada. Segundo Ehrenberg (Apud Junior C6, 2013), o consumo de drogas ocorre na “tentativa ilusória de ser mais que o próprio no projeto irrealizável de se evadir totalmente de si próprio”, ou seja, numa sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo e pela ambivalência na criação das nossas próprias biografias, as drogas possuem um lugar *especial* (Valentim, 1997 Apud Junior C6, 2013).

Com o evoluir do tempo, estes sentimentos são transformados em desprazer. Isto é, o consumo passa a ocorrer, não para sentir prazer, mas sim para não sentir insatisfação, desconforto e dor, do prazer do consumo resta apenas a memória (Valentim, 2000; Miguel, 2008 Apud Junior C6, 2013). Os indivíduos passam a “canalizar todas as suas energias e criatividade na procura de meios para eliminar o desconforto, sofrimento físico e psicológico que a falta de drogas provoca” (Ló, 2005 Apud Junior C6, 2013). Sofrimento físico, devido ao não funcionamento normal do organismo e sofrimento psicológico, devido à não satisfação do *craving*, assim, nesta fase, o consumo ocorre , apenas “para se sentirem “normais” e não, ressacados.

Ao longo do percurso de consumo, na maioria dos casos, ocorre uma substituição do quadro de valores e de referência do indivíduo. O indivíduo passa a gerir todas as suas ações única e exclusivamente em torno das drogas, num ciclo vicioso entre o acesso e o consumo das mesmas. Afastando-se e quebrando os laços sociais existentes com a família, os amigos, o trabalho (quando existe), afastando-se dos seus direitos e deveres enquanto membro de uma sociedade (Ló, 2005 Apud Junior Có, 2013). O consumo de substâncias psicoactivas leva também a um empobrecimento pessoal, os indivíduos perdem a capacidade “de se entusiasmar e de se envolver, de se emocionar e de sentir prazer fora do padrão sócio-cultural da toxicodependência” (Ló, 2005 Apud Junior Có, 2013).

É nesta fase, em que os conflitos familiares, a cada vez menos capacidade de produção a nível laboral e conseqüente falta de recursos económicos, a debilidade física e psicológica e em que os meios para obtenção de droga escasseiam, que consumo de droga já não possui o mesmo significado. É perante estas condições, que normalmente surge o desejo de tratamento (Ló, 2005 Apud Junior Có, 2013).

A toxicodependência como comportamento desviante

O comportamento desviante não é possível definir de modo universal, visto que o seu significado altera consoante o contexto cultural e temporal, o conceito de desvio é definido “pelas interações estabelecidas entre indivíduos, sociedades, e os sistemas de normas que tendem a enquadrar e orientar a ação de diversos atores sociais num determinado contexto” (Becker; Cohen; Giddens apud Carvalho, 2003 apud Junior Có, 2013). Todas as sociedades possuem um determinado conjunto de normas em vigor, através do qual os indivíduos regem a sua ação, quando ocorre uma variação, conotada como desvio, todos os atores sociais se apercebem, tanto os que a cometem como os restantes (Carvalho, 2003).

Ao longo dos tempos houve várias tentativas para a explicação do comportamento desviante. Contudo, segundo Giddens (Apud Carvalho, 2003 apud Junior Có, 2013) a explicação satisfatória de comportamento desviante deverá ser sempre sociológica, “já que o que se entende por crime [e desvio] depende das instituições sociais de uma determinada sociedade”.

Do ponto de vista sociológico, o desvio é um conceito relativo. O comportamento é sempre aferido pelas normas sociais em vigor. Como as normas não são universais nem eternas, os comportamentos acabam por ter diferentes leituras, de acordo com o grupo e com o contexto espaço-temporal. (Dias, 2002 apud Junior C6, 2013).

Os teóricos funcionalistas v6em o desvio como resultado de tens6es estruturais e uma falta de regula76o moral dentro de uma sociedade. Se o que o indiv6duo aspira e quer n6o est6 ao seu alcance, isso provoca uma tens6o entre ele e o grupo. Se ele n6o consegue obter o que deseja, ent6o tamb6m n6o h6 raz6o para se comportar de acordo com as regras e, logo, comporta-se de modo desviante (Giddens, 2004 apud Junior C6, 2013). Dentro desta conjectura existem dois autores de refer6ncia Durkheim e Merton, que explicam a sua teoria atrav6s do conceito de anomia, e ainda Cohen que defende a exist6ncia de sub-culturas desviantes (Giddens, 2004 apud Junior C6, 2013).

Por outro lado, as explica76es interaccionistas do desvio partem da ideia que o desvio 6 um fen6meno socialmente constru6do. E rejeitam a ideia de que determinados tipos de desvio s6o inerentemente desviantes, caso contr6rio, um comportamento desviante era sempre assim considerado em qualquer contexto social (Giddens, 2004 apud Junior C6, 2013). Dentro deste quadro de refer6ncia situam-se autores como Sutherland, Becker e Lemert com a teoria da associa76o diferencial e a teoria da rotulagem respectivamente (Giddens, 2004 apud Junior C6, 2013).

Toxicodepend6ncia como fator de exclus6o social

Exclus6o Social – Conceitos e Teorias

Exclus6o social diz respeito a um “processo de ruptura com a sociedade, processo que pode assumir duas formas principais: por um lado, a ruptura pela aus6ncia de um conjunto de recursos b6sicos (...) por outro, a ruptura como consequ6ncia de estigmatiza76o que afetam grupos sociais espec6ficos” (Rodrigues, 2000 apud Junior C6, 2013), como 6 o caso dos toxicodependentes. A Comiss6o Europeia, no Programa “Pobreza 3”, define que ocorre exclus6o social quando os menos favorecidos: a) sofrem desvantagens generalizadas em t6rminos de educa76o, forma76o profissional, emprego, recursos de b6sicos de sobreviv6ncia, etc.; b) as suas oportunidades de aceder 6s principais institui76es sociais que distribuem estas oportunidades de vida s6o substancialmente inferiores que as do resto da popula76o; c) estas desvantagens

permanecem no tempo” (Díez, 2006 apud Junior C6, 2013). Assim, para Peter Townsend os excluídos “s6o indiv6duos que acumulam um conjunto de riscos, de dificuldades ou de *handicaps* atrav6s de trajet6rias de vida que refor6am diferentes tipos de rupturas e perdas ou priva66es...” (Rodrigues, 2000 apud Junior C6, 2013).

Muitas outras defini66es coexistem assim como coexistem diferentes vis6es sobre os fatores explicativos da exclus6o social. Se h6 aquelas que remetem apenas para a “*causa individual*”, isto 6, os excluídos encontram-se nessa situa66o por culpa pr6pria e s6 a eles cabe efetuar o processo inverso, outras, afirmam que a exclus6o se deve a “*fatores sociais*”, e neste caso a culpa 6 atribu6da 6 sociedade e 6s estruturas sociais, cabendo ao Estado implementar medidas para os indiv6duos voltarem a estar integrados e inseridos na sociedade (Augusto e Sim6es, 2007 apud Junior C6, 2013). Procurando responder 6 complexidade e multidimensionalidade do fen6meno, a chamada teoria de s6ntese combina os fatores individuais com os sociais, afirmando, assim, que a “exclus6o social deve-se a um conjunto imbricado de fatores sociais e individuais que importa em cada contexto ou caso concreto identificar”, neste sentido para al6m de ser necess6rio a interven66o do Estado, requer-se uma participa66o ativa do indiv6duo no seu processo de inser66o social (Augusto e Sim6es, 2007 apud Junior C6, 2013).

Para se ser mais correto, deveria dizer-se “exclus6es sociais” e n6o “exclus6o social”, devido 6 sua diversidade e ao seu car6cter multidimensional, da6 o nome da obra de Bruto da Costa, de 1998, ter esse mesmo t6tulo. Um indiv6duo em qualquer altura da sua vida encontra-se sempre excluído de qualquer coisa, e n6o 6 por isso que se considera um indiv6duo excluído.

Tendo em conta a exist6ncia de tipos de exclus6o, 6 importante referir em quais consistem. Sendo assim, e utilizando, mais uma vez, Bruto da Costa (2007 apud Junior C6, 2013), este identifica cinco tipos de exclus6o social. A exclus6o *econ6mica*, esta diz respeito 6 falta de recursos que permitam satisfazer as necessidades b6sicas para a sobreviv6ncia (como a alimenta66o, habita66o, vestu6rio), no seu estado mais forte, 6 a que resulta na situa66o de sem abrigo. A exclus6o *social*, reporta-se para a quebra de la6os, sociais (fam6lia, comunidade, sociedade), consiste numa priva66o relacional. Este tipo de exclus6o pode ocorrer por op66o volunt6ria. A exclus6o *cultural* tem a sua 6nfase muitas vezes em motivos raciais, xen6fobos e nacionalistas, as minorias 6tnicas s6o exemplo de categoria social que sofre este tipo de exclus6o. Outro tipo de exclus6o

é de origem *patológica*, neste caso dá-se ênfase a aspectos/estado psicológicos e mental dos indivíduos. Por último, o autor refere o tipo de exclusão por *comportamentos autodestrutivos*, isto é, relacionados, por exemplo, com toxicod dependência e alcoolismo.

Neste caso, poderá dizer-se também que existe exclusão e auto-exclusão por parte dos próprios indivíduos. No Programa da Luta Contra a Exclusão Social é referido um outro tipo de exclusão – *política*, esta conduz-nos para os direitos de cidadania, sendo eles políticos, sociais e civis, ou seja, o direito à participação na sociedade (Estivill, 2003 apud Junior C6, 2013).

Na prática, todos estes tipos de exclusão social apresentados não são indissociáveis uns dos outros, podem ocorrer em simultâneo, ou uns levam à presença e/ou originam outros.

A exclusão ou vulnerabilidade à exclusão é analisada recorrendo a três dimensões: 1) *privação*, que diz respeito “ao acesso a recursos materiais (...) para manter condições de vida socialmente aceitáveis”; 2) *desqualificação social*, entendida como o “descrédito a que estão sujeitos aqueles que não participam na vida econômica e social”, ou seja, representa a desvantagem que certos indivíduos possuem em relação às “estruturas de oportunidades” e 3) *desfiliação*, que implica a junção de “dois vetores: um eixo de integração (...) e um eixo de inserção” que quando não ocorrem originam a quebra dos laços sociais nos quatro pilares fundamentais: Trabalho, Estado, Família e Comunidade (Fangueiro, 2005 apud Junior C6, 2013).

Exclusão social e Toxicod dependência

O fenômeno da droga constitui-se enquanto produtor de exclusão social, a partir do momento que os seus usos passam a existir fora da esfera médica e dos rituais religiosos, anteriormente referidos. Uma das questões que se coloca atualmente é: o que produz o quê? As drogas são percebidas como produto e produtoras; como consequência e como causa de exclusão social.

Luís Fernandes (1998 apud Junior C6, 2013) apresenta três princípios de exclusão da droga, definindo-os como *afastamento / apropriação; o extermínio e a*

exclusão social. Começaram a fazer parte das práticas curativas da medicina, passando, assim, a ser utilizadas como medicamentos. Todavia, esta *apropriação* vai mais longe quando “de forma a reforçar o seu papel de único gestor da doença, (o médico) impõe o *só pode vender-se mediante receita médica*, o indivíduo é despojado de qualquer conhecimento que possuía, “a sua verdade profunda não lhe pertence a ele, mas a um saber que ele não pode produzir nem manejar (...) a droga passa a ser o centro dum campo de interditos” (Fernandes, 1998 apud Junior Có, 2013). Todos os aspectos relacionados com o uso de droga passam, assim, a estar monopolizados pelo poder médico e judicial: “A medicina decide dos limites entre medicamento e droga, entre dose terapêutica e toxicomaníaca; o direito decide da necessidade de punir quem se evade da lógica disciplinar do biopoder, fazendo mal ao seu corpo, ao seu espírito e ao seu corpo social em nome dos prazeres fora dos limites definidos pelos gestores da vida” (Fernandes, 1998 apud Junior Có, 2013).

O segundo princípio de exclusão da droga - *extermínio* - remete-nos para a ideia que tudo o que está relacionado com ela deve ser combatido no sentido da eliminação total, à exceção da que é usada como medicamento. As políticas de “combate à droga” são esboçadas a partir de vários pontos como “as vigilâncias, policial, preventiva, educativa, sanitária, mediática, etc.” (Fernandes, 1998 apud Junior Có, 2013).

Por último o terceiro princípio, a própria *exclusão social*. A atuação das instituições judiciais e terapêuticas é bem visível, a partir do fim dos anos 70 do séc. passado, através do seu aumento exponencial, todavia, é através destas que se cria e dissemina a imagem da toxicodependência (Fernandes, 1998 apud Junior Có, 2013) sendo esta “unificadora e alarmista, cujo estereótipo mais frequente é o de toxicodependente delinquente e sem abrigo” (Simões, 2007 apud Junior Có, 2013).

Metodologia

A metodologia trata-se do fundamento para que um conhecimento se faça científico, pois “só esta permite garantir um conhecimento fiel sobre a realidade.” (Bruyne, Herman & Schoutheete, 1995 apud Tittoni e Jacques, 1998). Trata-se de um conjunto de procedimentos epistemológicos, teóricos, morfológicos e técnicos, organizados na forma de um “trajeto” direcionado a responder a pergunta de partida formulada pelo pesquisador. O método, como um “trajeto” ou um “caminho” e um conjunto de procedimentos, necessariamente vincula-se a concepção de realidade e de sociedade do pesquisador. Segundo Tittoni e Jacques (1998), “(...) há sempre uma opção teórica pelo pesquisador que vai determinar suas escolhas metodológicas” (p.78). Do mesmo modo, a dimensão subjetiva resultante da mútua interferência entre as visões de mundo do pesquisador e dos sujeitos pesquisados é elemento presente na produção do conhecimento, implicando na natureza de todo o processo de produção, desde a sua concepção, a escolha de seus objetivos, o desenvolvimento da própria pesquisa e seus resultados.

O método qualitativo foi usado durante a pesquisa. A pesquisa qualitativa, segundo Trivinos (1987), pelo tipo de técnicas que emprega, de preferência, a entrevista semi-estruturada, o questionário aberto, o método clínico, a análise de conteúdo etc., não estabelece separações marcadas entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas. Isto se apresenta, de forma mais evidente, na pesquisa qualitativa de *cunho fenomenológico*, onde o ator ocupa um lugar proeminente.

A dimensão subjetiva deste enfoque, cujas verdades se baseiam em critérios internos e externos, favorece a flexibilidade da análise dos dados. Isto permite a passagem constante entre informações que são reunidas e que, em seguida, são interpretadas, para o levantamento de novas hipóteses e nova busca de dados. Os resultados, para que tenham valor científico, devem reunir certas condições. A coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação (não a objetividade), por um lado, constituindo os aspectos do critério interno da verdade, e, por outro, a intersubjetividade, o critério externo, devem estar presentes no trabalho do pesquisador que pretende apresentar contribuições científicas às ciências humanas.

Na pesquisa qualitativa (fundamentalmente fenomenológica) a aplicação dos instrumentos não é um processo que se realiza exclusivamente, segundo o autor, na

denominada Coleta de Dados. Os resultados do questionário, por exemplo, alimentam o desenvolvimento da entrevista semi-estruturada e a observação livre. Isto significa que as respostas dos questionários devem ser conhecidas e interpretadas, antes da aplicação dos outros instrumentos. Por outro lado, segundo Trivinos (1987), a entrevista semi-estruturada individual ou grupal apresenta como traço peculiar um poder extraordinário de retroalimentação que depende, naturalmente, do investigador, cujo conhecimento da teoria e do tópico lhe permite desenvolver esse caráter.

Técnicas e métodos na pesquisa qualitativa não poderíamos afirmar categoricamente que os instrumentos que se usam para realizar a Coleta de Dados são diferentes na pesquisa qualitativa daqueles que são empregados na investigação quantitativa. Verdadeiramente, os questionários, entrevistas etc. são meios "neutros" que adquirem vida definida quando o pesquisador os ilumina com determinada teoria. Se aceitamos este ponto de vista, da "neutralidade" natural dos instrumentos de Coleta de Dados, é possível concluir que todos os meios que se usam na investigação quantitativa podem ser empregados também no enfoque qualitativo. O autor argumenta que o *questionário fechado*, de emprego usual no trabalho positivista, também o podemos utilizar na pesquisa qualitativa. Às vezes, o pesquisador desta última linha de estudo precisa caracterizar um grupo de acordo com seus traços gerais (atividades ocupacionais que exercem na comunidade, nível de escolaridade, estado civil, função que desempenham nas associações de mães de vila etc.).

Ainda falando da coleta de dados na pesquisa qualitativa, Trivinos (1987), argumenta que o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações. Contudo, o autor citado diz que as ideias expressas por um sujeito numa entrevista, imediatamente analisadas e interpretadas, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar aprofundamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial que originou o estudo.

Os dados aqui analisados foram coletados através de entrevistas - com questões abertas e fechadas -, com estudantes guineenses da UNILAB, regularmente

matriculados nos cursos de graduação (Administração Pública, Enfermagem, Humanidades, Letras-Língua Portuguesa, Química e Sociologia), entre os meses de janeiro a junho de 2016. As entrevistas foram realizadas em suas casas, na universidade e em outros ambientes sociais. No total foram entrevistado(a)s 10 estudantes, todo(a)s solteiro(a)s, numa faixa etária de 22 a 34 anos de idade. Deste total, 6 (seis) são do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino, dos seguintes grupos étno-linguísticos: Fula (2), Balanta (1), Papel (2), Manjaco (4) e Bijagó (1). Todo(a)s são originário(a)s de bairros da cidade de Bissau, capital de Guiné Bissau, que são: Cupelum, Bairro Ajuda, Praça, Mindará, Lala Queima, Santa Luzia, Bandim e Luanda. Destes, segundos os nossos interlocutores, os bairros que apresentam o maior índice de violência são Mindará e Bairro Ajuda.¹ As 10 entrevistas foram realizadas em crioulo da Guiné-Bissau, que posteriormente foram transcritas e traduzidas para o português. Cada entrevista durou em torno de 40 minutos, foi utilizado um gravador para armazená-las, ocupando um espaço de 190 MB.

¹ De uma maneira geral, o bairro que, de facto, apresenta maior índice de violência em Bissau é o Bairro Militar.

CÁPÍTULO I: GUINÉ-BISSAU

I.I Localização geográfica

A apresentação da síntese sobre o país tem como objetivo situar o contexto em que se realiza a pesquisa. Tratando-se de abordagem de temática referente a um país, com pouca referência no Brasil, torna-se necessário apresentar, mesmo que de forma sucinta, uma informação, destacando os aspectos geográficos, políticos, sócio econômico e histórico mais relevante.

Localizada na costa ocidental da África, a Guiné-Bissau faz fronteiras com o Senegal (ao norte), Guine-Conacri (ao sul e leste) e com o oceano Atlântico (a oeste).

A República da Guiné-Bissau tem oito regiões administrativas e mais setor autônomo, que são: Região de Bafatá, Região de Gabú, Região de Biombo, Região de Tombali, Região de Oio, Região de Quinara, Região de Cacheu, Região de Bolama Bijagós² e setor autônomo de Bissau.

A nação integra a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), dos Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), e da União Econômica e Monetária da África Ocidental (UEMOA) entre outras.

O território que atualmente corresponde ao país da Guiné-Bissau foi colonizado por portugueses a partir de 1446. Os colonizadores instalaram feitorias para a realização do tráfico de escravos com a população nativa. Somente no dia 24 de setembro de 1974, a Guiné-Bissau conquistou sua independência, tornando-se a primeira colônia portuguesa na África a conseguir esse feito.

A economia do país é pouco desenvolvida. A agricultura, responsável por absorver mais de 80% da força de trabalho local, baseia-se no cultivo de castanha de caju (o país é o sexto maior produtor mundial), algodão, arroz, inhame, banana, manga e cana-de-açúcar. Essa atividade econômica ocupa 12% da superfície territorial da Guiné-Bissau.

² O arquipélago dos Bijagós é formado por mais de 80 ilhas.

A pesca é outro elemento importante para a economia nacional – o país é exportador de camarão. Existem grandes reservas minerais a serem exploradas na Guiné-Bissau, já foram confirmadas reservas de fosfato, bauxita e petróleo.

O país apresenta vários problemas socioeconômicos, possui um dos seis piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do planeta. A maioria da população vive a baixo da linha de pobreza, com menos de 1,25 dólar por dia; a expectativa de vida é uma das menores do mundo – 46 anos.

A Guiné Bissau tem 36.125 km², Clima predominante é o Equatorial, está dividido em 9 regiões administrativas, a capital é Bissau, o Português é a língua oficial, e são falados outros idiomas como crioulo da Guiné Bissau, Balanta, Fula, Mancanha, Papel, Mandinga, entre outras linguais nacionais.

A Guiné Bissau conta com 1.610.746 habitantes. (Homens: 797.910; Mulheres: 812.836), tendo a seguinte composição étnica: Balantas 30%, fulas 20%, manjacas 14%, mandingas 13%, papeis 7%, outros 16%.

As religiões mais predominantes são: religiões tradicionais africanas (44,8%), islamismo (40,7%), cristianismo (13,2% - católicos 9,9, outros 3,3%), entre outras (1,3%). A densidade demográfica é de 44,5 hab/km². A Taxa média anual de crescimento populacional: 2,2%. A População residente em área urbana: 29,87% e a População residente em área rural: 70,13%. A esperança de vida ao nascer é de 46 anos. A percentagem dos domicílios com acesso a água potável é de 57% e 33% de domicílios têm acesso a rede sanitária. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,289. A moeda é o Franco CFA. O Produto Interno Bruto (PIB): 430 milhões de dólares e o PIB per capita é de 211 dólares.

CÁPITULO II. A toxicodependência na Guiné-Bissau

Percorrendo os estudos realizados, nota-se que a Organização Mundial de Saúde (OMS) não produz dados referidos à toxicodependência na Guiné-Bissau. Esta constatação constitui preocupação e impõe urgente debate no país. O problema da droga/toxicodependência é gravíssimo e requer políticas públicas concretas para reduzir a dor e o sofrimento dos toxicodependentes e suas famílias, embora evidentemente não sejam de pouca importância a segurança, a defesa, a justiça, a contenção do narcotráfico.

No que concerne à saúde mental, segundo Có Junior (2013) não há um só médico psiquiatra para assistir aos doentes, devido à falta de oportunidades de formação e aos benefícios que provocam a fuga de quadros do país para o exterior. Não há centro de qualidade para o atendimento de pacientes. O único que existia, nos anos 80, foi destruído pela guerra civil de 1998. E o atual, improvisado pelo governo para os que apresentam problemas psíquicos, funciona sem a mínima condição. Por iniciativa privada de um médico/pastor evangélico Domingos Té, criou-se em 2001 o Centro de Recuperação “Desafio Jovens”, em Quinhamel, a uns 20 quilômetros de Bissau, sem infraestrutura, equipamentos, recursos humanos (especialistas) e materiais. Hoje o Centro acolhe cerca de 70 utentes a dormir juntos, homens de um lado, mulheres noutras divisões, no chão, por entre colchões e lençóis velhos, sem privacidade. Segundo Té, os toxicodependentes e doentes mentais “chegam de forma involuntária”, com histórias que incluem alucinações e delírios associados ao consumo de estupefacientes. O pastor citado alerta que “fala-se sempre deste país como um ponto de tráfico, mas o consumo está a crescer muito”.

A fala do Pastor vai ao encontro do alerta de Có Junior (2013) que afirma que “a Guiné-Bissau é um país de consumo e falta vontade política para inverter a situação”. Descobriu que alguns começam a consumir de forma precoce, como uma brincadeira entre amigos, aos 10 anos, e concluiu que o ambiente familiar é permissivo. Contudo os nossos interlocutores não são unânimes em dizer qual é a idade certa em que esses jovens começam a se envolver com drogas. De acordo com um dos entrevistados “não tem idade certa para se envolver com drogas, depende da necessidade... [...]” (Albino da Costa). Já o Silvestre, outro entrevistado, afirma que é da “adolescência até a fase adulta. Nessa faixa etária é o momento que um número considerável de jovens se

envolve com drogas, porque a adolescência é a fase mais complicada da vida, onde a tendência tem sido a de querer provar tudo”.

Segundo o Diário de Notícias (2016) as relações dos pais e encarregados de educação com os jovens "não ficaram muito afetadas quando se informaram do consumo de drogas" desde que "as contribuições financeiras do tráfico" ajudem a sustentar os agregados familiares.” Falando do impacto familiar, social e individual do consumo de drogas legalmente proibidas, os nossos interlocutores têm opiniões divergentes sobre o assunto. Uns têm opiniões próximas a do Diário de Notícias e outros não. A Júlia, por exemplo, diz que “a partir do momento em que você se torna usuário de alguma substância proibida, se cria outra imagem sobre você. Em algumas famílias de Bissau você acaba sendo excluído totalmente por causa do seu vício.” O Joaquim, por sua vez, diz que o fato de a pessoa ser delinquente já é um prejuízo à sociedade. Suas praticas “fazem com que a sua família seja discriminada”.

Bom, uns que usam as drogas mais pesadas, eles têm uma condição de vida melhor, nesse caso essa gente às vezes tem certo privilégio, porque quando chegam em algum canto roubam a cena, você é atribuído certo status de famoso. Nas bancadas [ambientes sociais de encontro e de convívio] você é respeitado por seu status. Você é respeitado por ser ‘patrão’³ da bancada, os outros ficam cercado com certa admiração e respeito. Muitas das vezes em casa você também é muito respeitado por ser ‘patrão’ da família, quem sustenta tudo. Esse tipo de usuário já é bem-vindo à sociedade porque tem dinheiro..., vira famoso por ser traficante em Bissau, rouba cena por onde estiver, enquanto os outros que consomem os canabis são discriminados porque são mais pobres e consomem drogas baratas. (Aissatu)

Muitas das vezes, se for um menino que teve uma boa educação familiar, gera uma polêmica. As vezes fazendo com que os pais briguem. Tem pais e parentes [...] que querem ajudar a abandonar as drogas, e tem quem não queira, achando que ele fez de propósito, o que faz com que ele se torne delinquente. Na Guiné-Bissau tem uma expressão que é usada no dia-a-dia que diz: “Você que sabe. Já que escolheu essa vida então aguente”. (Francisca)

³ “Patrão” é aquele que paga as contas do consumo durante o convívio. O termo se estende para aquele que paga as despesas da casa ou da família.

Durante a pesquisa, um dado interessante chamou a nossa atenção, principalmente na fala de José, que faz uma distinção, em termos de status diferenciado, entre aqueles “delinquentes” e/ou “adolescentes em conflito com a lei” e consumidores de diferentes drogas que tiveram a experiência da imigração e os que nunca saíram do país. No seu entender, “[...] uma pessoa bem de vida, mesmo consumindo drogas a família nem liga”, isso se dá “porque no fundo essa pessoa até sustenta a família”. Esses seriam os casos dos “criminosos” e “narcotraficantes” guineenses que vão e voltam da Europa.⁴

Os que veem da Europa geralmente têm status diferenciados, nesse caso mesmo sendo criminosos, a família nem liga [...]. Mas se for o caso de um pobre já o tratamento é diferenciado, você começa a ser excluído primeiramente na sua família. Nesse caso os [delinquentes e/ou consumidores] pobres sofrem mais com a exclusão social e familiar. (José)

Na Guiné-Bissau, a toxicod dependência não é recente, é antiga, crônica, e pouco debatida nas esferas sociais: mídias, políticos, acadêmicos, sociedade civil. Nas associações de pais e encarregados de educação, o tema é tabu, ao passo que entre adolescentes e jovens a droga é realidade clara. De acordo com Marina Padrão Temudo, que trabalha no sul e leste do país há mais de 20 anos, após a independência em 1973, a *cannabis* já era plantada e vendida como estimulante para trabalhadores rurais no mercado informal (*lumos*⁵), em grande quantidade nas zonas norte, sul e leste. (Cf. Diário de Notícias, 2016)

Em fins de 1975 e em 2000, o país tentou estruturar-se como estado de direito democrático e aderiu às organizações internacionais e sub-regionais. Com essa adesão ao bloco de sub-regiões africanas (CEDEAO), e de acordo com o artigo 4), sobre os princípios fundamentais de respeito, promoção e proteção dos direitos humanos e dos povos; o artigo 40), sobre direitos fiscais; e o 59), no capítulo da imigração (pontos 1, 2 e 3), através do estatuto de livre circulação de pessoas e bens, foi favorecida a imigração, cuja influência foi muito grande. O fluxo de circulação das pessoas (imigração) e a cultura de massas disseminaram valores negativos entre adolescentes e

⁴ Esse não seriam os que no capítulo seguinte demos o nome de “Os tá se bem”, e nem “os como é que é”.

⁵ Lumos é o nome que se dá às feiras populares. Lumeiro seria o vendedor ambulante.

jovens, pela imaginação, admiração e imitação das outras culturas ocidentais e dos americanos do sul e norte etc.

Ganhou assim a toxicodependência amplitude e dela surgiu a destruição psicossocial, com notoriedade após a guerra civil de 1998, na qual todo o tecido social foi fortemente atingido. Durante essa guerra brutal e fratricida que ceifou muitas vidas humanas por 11 meses, o tráfico e uso de droga passam por combustível de jovens guerrilheiros, civis, paramilitares e militares, a pretexto da perda do medo para combater na linha da frente. Por outro lado, adolescentes e jovens refugiados pelas regiões do país tornaram o microtráfico meio de sustento da família, e o consumo de droga como lazer.

De fato, e de acordo com os nossos interlocutores, um número considerável de jovens de Bissau prefere se envolver com a criminalidade por causa da “pobreza, falta de condição, querendo viver além da sua condição de vida” (José) e tem aqueles que “não estudam, uma vez que não tem nada para se ocupar, automaticamente procuram algo para fazer, que muitas das vezes são atos criminosos (Francisca). Por outro lado, por falta de algo para fazer e se ocupar depois de concluir o ensino médio, muitos jovens acabam ficando depressivos, “ao ponto de entrar abraçar a delinquência” (Francisca).

Eu acho que muita das vezes é pela curiosidade da pessoa. Muita das vezes tem pessoas que praticam atos delinquentes só porque outros companheiros praticam. Imitação e desejo de praticar acaba por falar mais alto. No caso, as pessoas buscam certo status através da delinquência em Bissau e acabam praticando atos criminosos. [...] Às vezes também vem da família, a convivência quando não é boa os pais perdem controle dos filhos. (Júlia)

Um dos motivos que leva os jovens a se envolverem com a violência e, conseqüentemente, ao consumo e venda de drogas é a moda, ou seja, a necessidade de ter bens de consumo de marca, como tênis, calças, camisetas, celulares, entre outros.

Sabemos [...] que em Bissau [...] a maioria de jovens, para se sentirem mais jovens, acha que tem que usar roupas de marca, tênis de marca e [...] e têm que ser caras mesmo. Quando aparece a oportunidade de vender drogas para conseguir dinheiro mais rápido, eles nem duvidam

de entrar no negócio a fim de realizar seus desejos, e ao passo que o que vai consumir, muita das vezes é só pela fama mesmo. (Júlia)

Júlia acrescenta que tem jovens que começam a consumir drogas por imitação,

[...] porque assistem filmes e rappers americanos. [...] Procuram fazer igual, enquanto que na nossa sociedade isso não é normal. Têm jovens que procuram coragem de fazer algo através do consumo de drogas, e quando consomem praticamente ficam fora do normal, o que acaba gerando situações de violência até entre os consumidores e traficantes. (Júlia)

Trata-se de “um mercado disputado” (Joaquim) e são inúmeros motivos que levam os jovens a praticarem atos violentos, por exemplo, na briga entre eles tem os que consomem droga só para poder se vingar do colega, por achar que com efeito de drogas no corpo “você tem mais coragem, por isso acabam se esfaqueando⁶ [...]” (José)

Na verdade, a entrada da cocaína em Biombo em 2005/06 intensificou o tráfico internacional e local, e o consumo interno de droga. De acordo com o Joaquim, um dos nossos interlocutores, a partir dessa época certos jovens começaram mudar de status socioeconômico de forma rápida, chegando a comprar carros e casas de luxo, o que faz deles fontes de inspiração de muitos jovens.

A partir desse momento eu acho que tem jovens que começaram a ter delinquência como projeto de vida. Vender drogas para se dar bem na vida. Mas, eu acho a outra parte não têm delinquência como projeto de vida. É por causa da ausência do estado e de políticas públicas. Hoje em dia tem jovens que acham que vender drogas é a melhor forma de se dar bem na vida. (Joaquim)

É difícil ter dados exatos sobre os índices de prevalência da toxicodependência no país, mas se nota, como bola de neve, que “o tráfico robustece a esse transtorno da função cerebral ocasionado pelo uso de substâncias psicoativas que afetam a senso-percepção, emoções e motivações.” (WHO, 2004 apud Có Junior, 2013).

⁶ A faca e a garrafa são as armas mais usadas nas brigas entre os grupos rivais.

II.I Difusão e tipos de droga na Guiné-Bissau

Na Guiné-Bissau, a droga está infiltrada em quase todos os ambientes sociais, como nos bairros periféricos (favelas), nos subúrbios, gabinetes dos ministérios e das autoridades, e as circunstâncias são inflamáveis para revolta social, guerras entre *gangs* de facções rivais e *tubarões* de tráfico, embora estudos da juventude guineense tenham comprovado nos inquiridos a tendência ao conformismo, mais verificado entre as meninas.

Confrontando a formação de *gangs* em Bissau, surpreende-se a tendência pacífica dos jovens guineenses, supondo sua relação com a violência estrutural (repressão política) e as violências multidimensionais “normais”: a doméstica e familiar, o abuso sexual, a cumplicidade comunitária étnica, etc. (PUREZA, ROQUE, CARDOSO, 2012 apud Có Junior, 2013).

Por outro lado, a ausência de estudos da violência juvenil associada à droga explica-se, segundo Có Junior (2013), pelo fato de o consumo de droga ser ocultado pela família e pelo jovem “camuflado”, tornando seu combate futuro incerto. O tráfico, o consumo e o crime contam com a infinita “criatividade” dos traficantes e não têm limites.

A vulnerabilidade das fronteiras aérea, marítima e terrestre da Guiné-Bissau em materiais e equipamentos (radares, vedetas e barcos) para fiscalizar e conter as ações do narcotráfico tem vindo a denegrir a imagem do país como narco-estado. De fato, a situação deteriorou-se substancialmente com a instabilidade, a falta de vontade política e sucessivas sublevações militares, chegando ao ponto de envolver políticos e militares como atores principais no tráfico de droga.

Os problemas persistem. Cada vez mais tem aumentado o número de adolescentes e jovens traficando e consumindo drogas. É difícil avaliar o impacto da toxicod dependência sobre a juventude, do ponto de vista físico, psíquico e social. Hoje, na Guiné-Bissau, circulam várias drogas (ilícitas ou não). Na noite de Bissau, em

discotecas, hotéis, restaurantes, bares, assiste-se ao consumo por adolescentes, jovens e adultos. O tráfico é incentivado pela pobreza extrema. O enriquecimento ilícito e rápido de jovens, e o luxo de traficantes despertam a ambição dos jovens e das famílias para o tráfico de droga. (VOZ DI PAZ, 2010; PUREZA, ROQUE, CARDOSO, 2012 apud Có Junior, 2013)

A droga mais consumida entre os adolescentes e jovens é a *cannabis*, por ser barata e fácil de adquirir, pode ser comprada por todo lado. Para muitos adolescentes e jovens, a *cannabis* não é vista como uma droga, e sim como uma erva normal.

Ela é plantada em grandes hectares na zona rural e também entra no país facilmente através de transporte de carga escondida sob sacos de carvão e cana de bambu. O Bairro Militar é considerado uns dos bairros mais violentos de Bissau, associado ao tráfico e consumo de droga, pois é o depósito de distribuição para os demais bairros de Bissau. Salienta-se que a *cannabis* foi a primeira droga apreendida, no ano de 1977, pelas autoridades no país. Em segundo lugar e recente vem o *crack*, chamado entre os guineenses “quísa”, considerado droga da morte súbita e dos pobres, pelo preço baixo. O *crack* entrou no país com ímpeto, mas muitos adolescentes e jovens desconhecem seus efeitos devastadores.

Logo que o *crack* e a merla são fumados, alcançam os pulmões, órgão muito vascularizado de grande superfície, em absorção instantânea caem na corrente sanguínea e chegam rapidamente ao sistema nervoso central. Assim, o *crack* e a merla tornam os efeitos da cocaína muito mais rápidos (10 a 15 segundos), enquanto efeitos da cocaína aspirada ocorrem após 10-15 minutos, e injetada em 3 a 5 minutos. Essas características fazem do *crack* uma droga poderosa do ponto de vista do usuário. O prazer ocorre quase instantaneamente após a pipada. Porém, a duração é em média 5 minutos, enquanto após injetar ou cheirar 20 a 45 minutos. A curta duração dos efeitos faz o seu usuário voltar à droga com maior frequência (5 em 5 minutos) e o leva rapidamente à dependência mais do que ao usuário de cocaína pelas vias nasais e venosas (Revista IMESC, 2001, pp. 8-9 apud Có Junior, 2013).

Em terceiro lugar vem a cocaína, em grande quantidade, mas cara, pelo que é mais usada nas “elites” pela sua excelência. De acordo com a faixa etária definida no estudo, muitos adolescentes e jovens são estudantes de classes baixas, sem emprego,

não podem comprar e nem usar a cocaína que entra no país por via aérea, marítima, terrestre, mulas, correios.

Em quarto lugar vem o haxixe, usado em grande quantidade pelos estrangeiros e que começou a circular no país com frequência após a ligação aérea dos voos que vêm de Gâmbia e Marrocos.

O haxixe entra no país pela via aérea, e também pela via terrestre em grande quantidade, passando pela fronteira da Mauritânia e do Senegal. Segundo um agente da Polícia Judiciária, o haxixe vem também de Portugal em grande quantidade nos voos da TAP, trazido pelos imigrantes guineenses e europeus, colocado na cintura da passadeira da calça, ou dentro de frascos de medicamentos, quando vêm passar as férias no país. O haxixe é muito consumido pelas meninas nos banheiros das discotecas, o seu aroma que faz lembrar o chocolate atrai cada vez mais mulheres ao seu uso.

Em quinto lugar está o *ecstasy*, droga nova e recente na Guiné-Bissau. Segundo os consumidores é pouco usada, ou seja, é medicamento para problemas mentais, por isso é rejeitada pelo grupo. Em sexto lugar, a heroína, não muito usada pelos guineenses. Devido ao preço elevado e uso injetável é mais usada entre os turistas estrangeiros. De acordo com um agente da Unidade Nacional Contra a Droga da Polícia Judiciária, desde a criação da brigada contra a droga, em 2010, foi apreendida uma vez, na mão de cidadão de nacionalidade estrangeira. Em último lugar, a cola, de cujo uso não se fala.

A imigração de outras nacionalidades africanas, de sul e norte-americanas e de europeias cria novas teias de relações, interação, intercâmbio, socialização e integração. Por elas a população guineense conheceu as drogas consideradas pesadas (cocaína, heroína, *crack*, haxixe, *ecstasy*). Em 2005/06, com a história da “cocaína” de Biombo encontrada nas redes dos pescadores no alto mar, a droga passou a circular em grandes quantidades para tráfico e para consumo, quiçá pelos valores a obter, pois se aumentam minimamente as rendas da família, conforme preços obtidos de um traficante que comercializa droga.

Entretanto, ocorreu a detenção do ex-chefe de Estado-Maior da Marinha e ex-combatente da Liberdade da Pátria guineense José Américo Bubo Na Tchuto em abril de 2013 (juntamente com Papis Djeme, Tchamy Yala, Manuel Mamadi Mané e Saliu

Sisse), na sequência de uma operação da DEA (Drug Enforcement Administration), nas águas internacionais, sob acusação de tráfico internacional de droga e armas e também sua ligação com a rede terrorista Al-Qaeda. Por sua vez, o então representante do secretário-geral da ONU em Bissau, José Ramos-Horta, avisou que é “extremamente difícil a Guiné-Bissau sobreviver aos desafios regionais, às ameaças de crime organizado, nomeadamente dos cartéis de droga das mais variadas origens, e a ameaças de outro gênero, como a extrema pobreza etc.” (*Diário de Bissau*, 2013, p. 8 apud C3 Junior, 2013).

Ao falar das suas percepções sobre os estigmas e sanções, jurídicas sofridas pelo dependente, as opiniões dos nossos interlocutores n3o s3o unanimes. Uns acham que a lei n3o 3e bem aplicada sobre os dependentes,” porque sabemos que quando os policiais v3o encontro desses jovens 3e s3o para espancar..., n3o querem nem saber se o cara 3e drogado.... Eu acho que a autoridade de Bissau abusa demais das suas forças sobre esses dependentes. E isto 3e visto tanto na rua, quanto na delegacia...” (Casemiro).

[Os dependentes] s3o tratados mal, justiça n3o funciona como deve ser em Bissau, [os policiais] levam jovens e s3o soltos muito rapidamente. Teve um tempo que tentaram combater os grupinhos de delinquentes, como Al-qaida, os como 3e que 3e, colocaram policias atr3s deles seriamente. Vimos que roubo tinha diminuído um pouco, mas sinceramente n3o fazem um trabalho s3rio para combater a delinq3ncia. (Aissatu)

Mutaro, outro entrevistado, diz que as sanções jurídicas s3o mal aplicadas. No seu entender, quem consome certo tipo de droga n3o pode ser chamado de “delinquente, ladr3o, bandido ou seja algo que n3o presta para sociedade”. De acordo com o interlocutor citado, na Guiné Bissau n3o existe nenhuma lei que protege os consumidores de drogas nem traficantes e n3o distinguem traficante com consumidor.

Para mim sanções jurídicas n3o existem, porque quando voc3e for pegue com drogas, n3o 3e levado ao tribunal para ser julgado. 3e levado direto para a esquadra onde 3e torturado, espancado por policias e ficam com voc3e at3 o tempo que quiserem, ou as vezes se tiver interfer3ncia da sua fam3lia 3e solto em pouco tempo, caso paguem para te soltarem. Pelo contr3rio, voc3e fica na delegacia at3 que fiquem

farto de você. Para mim na Guine Bissau não tem uma lei para tratar do assunto dos consumidores ou traficantes de drogas, mesmo se existe não é aplicada. (Mutaro)

De acordo com Có Junior (2013), Gangs de adolescentes e jovens que usam as diversas violências não surgem da falência do poder judicial que não pune o consumidor de droga, mas da cultura do conflito que vai às últimas consequências da corrupção, da impunidade, da disputa pelo poder. Adolescentes e jovens expatriados de Portugal (Os comés, Os tá Si Bem) e Carochos, Al-Qaeda e Arabianos, estes das classes mais baixas, em Bissau, começaram a ditar regras nos bairros, apesar do esforço da Polícia Judiciária e da Guarda Nacional para conter o crime, tráfico, uso de drogas.

Revelam-se ainda índices razoavelmente preocupantes com relação ao crescente número de meninas, isto é, o crescimento de 100% entre 2009 e 2010, quase duplicados em 2011 com relação a 2009 (11 para 20 respectivamente), e afinal de fato triplica em 2012 no período, isto é, cresce dos 11 internamentos realizados em 2009 e alcança 33 internamentos no ano de 2012.

São vários os motivos que levam algumas meninas de Guine- Bissau a se envolverem com os delinquentes e/ou ao mundo do crime. Vejamos o que dizem os nossos interlocutores:

Ah... eu acho que o mesmo motivo que leva os meninos a se envolverem com delinquência, é esse mesmo motivo que leva as meninas a se aproximarem dos meninos delinquentes. [...] a camada jovem guineense procura ter um status considerado “bom” que é ser fixe. Então, quando os rapazes são considerados fixos, as meninas para sobressair, são obrigadas a se envolverem com tais camadas fixe para serem consideradas fixe também. (Mutaro)

Eu acho que é mais por admiração, ilusão das meninas. [...]. A influência das amigas conta muito, mas também eu vejo necessidade e interesse. Por exemplo, no meu caso, hoje a minha família me envia dinheiro. Se não tivesse, quem fizesse isso por mim é claro que ficaria com ele. Em certos casos, é o interesse das meninas que leva muitas delas a preferirem namorar caras traficantes, e não com um rapaz simples. (Aissatu)

O que eu vejo nisso é pegada. Um rapaz caseiro sabe menos coisas que um rapaz de rua sabe? [...] Mas eu posso lhe garantir que muitas das vezes é por questão das necessidades das meninas. Uma vez que seus pais não são capazes de dar aquilo que você necessita, vai procurar na rua quem pode lhe dar o que precisa. E os meninos delinquentes são mais descolados também [...]. (Julaica)

[...] Muita das vezes as meninas não sabem se o cara é delinquente. Tem meninas que assumem namoro mesmo sabendo que é delinquente, mas sempre acreditando que ela possa ajudá-lo a sair na vida da delinquência. Eu não me separaria se quando descobrisse que o meu namorado é delinquente. Primeiro procuraria saber quais causas o levaram a ser delinquente. (Francisca)

Em cinco anos, segundo C6 Junior (2013) foram internados no centro “Desafio Jovens” 741 jovens na faixa de 15 a 25 anos, sendo apenas 17% o índice total de meninas. Vale ressaltar que após 2009, cresceu significativamente o número de meninas, pelo que cabe maior preocupação sobre suas razões específicas para consumir drogas em níveis que as levam à toxicodependência. A droga impacta na capital do país, tendo em conta totais da população de Bissau, com maior crescimento entre meninas. A capital do país em 2008 apresenta índice menor da demanda por tratamento (143 em Bissau), com o número de meninas mais elevado em quase 40% em Bissau.

Desse modo, a problemática das raparigas (moças) pode talvez estar associada ao fato de tanto a pobreza extrema quanto a violência social se abater com maior força sobre elas, à escassez de jovens do sexo masculino em condições de trabalho capazes de constituir e/ou sustentar a própria família, que enquadram uma procura de proteção em meio francamente mais hostil em relação ao sexo feminino, que conduz, conscientemente ou não, a buscar a melhoria mínima do seu *status* na sociedade reproduzindo comportamentos masculinos. E isso instrumentaliza-as para o escape, quando não para uma busca de igualar-se aos homens pelas vias da violência e do crime, do tráfico e do consumo de drogas.

C6 Junior (2013), falando da percepção do tráfico na Guiné-Bissau, diz que há notória presença de mulheres recrutadas do tráfico pelas redes nigerianas. Quanto ao uso, sem centros especializados e sem médicos, o aspeto psicossocial se agrava. No país, ainda segundo o autor citado, a pobreza extrema, o desemprego, a insuficiência da

educação e a falta de oportunidades arrastam massas de adolescentes e jovens para o uso de drogas. Portanto, a toxicod dependência, na Guiné-Bissau, envolve adolescentes e jovens que já dependem do *crack*, desconhecem os efeitos e as consequências e rápido chegam à dependência. A *cannabis* é consumível em qualquer parte do país, mas o *crack* está a ser consumido de forma célere e muitos são os adolescentes e jovens já dele dependentes, colocando as famílias à beira da desestruturação. Por isso, o quadro apresenta adolescentes e jovens reféns, presos ao uso de estupefacientes, em um país ao qual faltam até quaisquer estudos mais profundos a respeito do problema.

CAPÍTULO III. A Delinquência juvenil e violência na Guiné Bissau

III.I Delinquência

Preferimos iniciar o presente capítulo citando falas de dois interlocutores que entendem a delinquência como sendo a “desobediência de certas regras estipulados dentro duma sociedade” (Albino) que lava a “práticas de pequenas infrações e descumprimento da lei como, por exemplo, roubo ou viver de um jeito contra as leis estipulados por uma determinada sociedade.” (Mutaro). Na verdade, segundo Luzes (2010), o termo delinquência possui diversos usos e sentidos. Certos atos classificados como delinquentes podem estar sendo nomeados de forma equivocada. Cabe uma boa distinção dos usos do termo para a melhor compreensão do fenômeno, a fim de se fazer justiça e não estigmatizar sujeitos como delinquentes sem o devido entendimento da espécie da sua conduta e suas causas, para enfim determinar-lhe um tratamento adequado.

Basicamente, existem dois usos mais frequentes para o termo delinquência. Estes são o sentido jurídico e psicológico do ato delituoso. O primeiro leva em consideração a legislação e os aspectos determinados e verificados objetivamente pela norma, já o segundo requer uma análise mais profunda da subjetividade do sujeito e da particularidade de sua ação. Vamos ao tratamento destes termos:

Em noções gerais, ainda segundo o ator citado, o termo delinquência advém do verbo delinquir, que significa ato de cometer delito. Cabe então à definição de delito, está claro que é a ação contrária ao direito, portanto, em sentido jurídico, a delinquente é todo aquele transgrede as normas jurídicas.

As legislações traduzem e, ao mesmo tempo, definem os valores e acultura de cada época e local, portanto neste sentido não existe uma definição absoluta de delinquente, pois o direito estabelece dialeticamente o que é delito (Verissimo *apud* Benavente *apud* Luzes, 2010). O consumo de entorpecentes que no Brasil é tipificado como crime, em outros países, tal como a Holanda, não o é. Isto reflete a tolerância que os holandeses têm quanto este comportamento, neste país o usuário de entorpecentes não é visto como delinquente, exemplificando a relatividade do termo jurídico para delinquência.

A delinquência em sentido psicológico reflete mais do que ação contrária às normas, reflete uma condição subjetiva ou estado psicológico do sujeito que transgrede a

lei. Cometer crime e estar sujeito à punição não classifica o sujeito como delinquente em sentido psicológico, o delinquente que interessa a ciência da psicologia é aquele que possui transtornos internos anti-sociais que motivam a ação delituosa e sua reincidência, este indivíduo sofre de perturbações que o impossibilitam de se adaptar às normas do ambiente.

Na realidade existem sujeitos que realizam ações delituosas por sua incapacidade de convívio harmônico em sociedade, decorrente de seu estado e sua construção psíquica. A psicologia então caracteriza uma delinquência “patológica”. O manual de classificação DSM-II-R expõe que o melhor diagnóstico para a delinquência de que agora se fala é o de transtorno antissocial de personalidade, caracterizada por indivíduos de conduta insistentemente e predominantemente desviante (American Psychiatric Association *apud* Benavente, 2009 *apud* Luzes, 2010). Para um diagnóstico preciso deste sujeito cabe uma análise profunda da estrutura psíquica, levando em conta a história do sujeito, sua relação com familiares e com o meio social.

Importa ainda ressaltar a relação destes dois usos do termo delinquência. A delinquência jurídica refere-se à esfera dos indivíduos contrários as normas, porém sob causas de perturbação mental. De toda forma, as leis serão um referencial para o transtorno anti-social de personalidade, pois todo delinquente patológico também é um delinquente jurídico, na medida em que o primeiro é razão de existência do segundo (Lopes *apud* Luzes, 2010).

Muitas são as causas para os delitos, um indivíduo pode cometer crime como um ato de pura vontade, pura racionalidade, como por exemplo, o sujeito que planeja por meses um grande roubo a fim de enriquecer seu patrimônio. Este sujeito não interessa à psicologia e não pode estar sujeito a formas de tratamento diferenciadas, pois é um homem perfeitamente saudável em estrutura mental, apenas escolheu este caminho por uma escolha estritamente racional e consciente. Da mesma forma ocorre com o transgressor ideológico, este sujeito delinqui porque não concorda com as leis que lhe são impostas, ele escolhe este comportamento com perfeita consciência, é o caso, por exemplo, dos jovens estudantes que cometiam crimes contra o estado durante a ditadura a fim de incitar a revolta popular. Esses jovens não delinquiram por fraqueza interior, distúrbio, transtorno de personalidade e nem acesso de agressividade, são pessoas “normais”, delinquiram por escolha.

Enfim, esta distinção de termos esclarece que se deve estar atento ao fato de que muitas são as causas para a condição da delinquência e que existe um grupo de delinquentes que são mais do que transgressores, são pacientes de um transtorno de personalidade e que por isso merecem uma atenção diferente.

III. II Delinquência juvenil

A designação de delinquência juvenil teve origem em Inglaterra, em 1815, quando cinco crianças entre oito e doze anos de idade foram condenadas à morte (Bolsanello, 1991 apud Carvalho, 2011).

A conduta antissocial em geral e a conduta criminal em particular, segundo Carvalho (2011), variam de indivíduo para indivíduo. Alguns indivíduos nunca praticaram um crime e os comportamentos anti-sociais que realizaram limitaram-se à transgressão normal da adolescência, existem ainda indivíduos que iniciaram muito cedo as condutas delinquentes, continuando esses comportamentos na idade adulta. Parece sensato considerar o ambiente familiar como um dos fatores que contribui para as diferenças de comportamentos entre indivíduos, pois, de acordo com Carvalho (2011), grande parte das nossas ações derivam do que aprendemos.

Os comportamentos delinquentes geralmente associam-se aos estratos sociais. Estes comportamentos aos pobres, às crianças institucionalizadas ou de rua (Hutz, 2005 apud Carvalho, 2011 são associados).

A delinquência juvenil e os comportamentos antissociais nos jovens são problemas difíceis que requerem a vigilância da sociedade, devido às suas manifestações cada vez mais frequentes e violentas (Armenta, Verdugo, Escobar, Méndez e Bustamante, 2003 apud Carvalho, 2011).

A delinquência juvenil tem sido considerada como uma perturbação psicossocial do desenvolvimento, que deve ser compreendida pela sua complexidade, já que a sua exteriorização ocorre a partir de fatores contextuais, biológicos e sociológicos (Silva e Hutz, 2002 apud Carvalho, 2011).

Um ambiente familiar adverso, num meio problemático, com venda de drogas, uma escola com colegas delinquentes, com um ambiente físico negligente e uma cultura

de desrespeito pelas leis e impunidade podem engendrar comportamentos anti-sociais e criminais em crianças (Belsky, 1980; Bronfenbrenner, 1987, apud Carvalho, 2011).

Quando os comportamentos delinquentes são efetuados por jovens, é quase inevitável perguntar qual a razão do acontecimento. E, obviamente, questionar o que se pode fazer para combater este tipo de acontecimento. Estas são questões bastante complexas e para as quais não existem respostas definitivas. Um dos fatores base, segundo Carvalho, é o fato de existir uma grande diversidade de formas de expressão que os comportamentos delinquentes podem assumir nos jovens. A diversidade de atos de delinquência juvenil pode ser avaliada tendo em conta os padrões individuais de funcionamento e de acordo com a gravidade da transgressão.

A delinquência juvenil é um parâmetro do processo normal de socialização (Pingeon, 1982 apud Carvalho, 2011)

A delinquência juvenil pode ser entendida como “todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso de transição dos jovens para a vida adulta, sendo entendidos como comportamentos de quebra de condutas sociais convencionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil” (Carvalho, 2003: 27 apud Perista at al.).

De acordo com Perista at al, estas condutas sociais têm, normalmente, uma expressão jurídica pelo que delinquir significa cometer um ato ilegal, punido por lei, o que, desde logo, remete para a consideração dos quadros normativos e jurídicos em vigor.

No entanto, nem todos os indivíduos que cometem delitos são conotados como delinquentes, pois “nem todos os delitos são apropriados para adquirir essa identidade social” (Martins, apud Carvalho, 2003: 29 apud Perista at al).

Tal remete para a grande diversidade de forma que a delinquência, e em particular a delinquência juvenil, assume. Há atos delinquentes mais ou menos graves que fazem recurso maior ou menor à violência ou onde esta pode estar ausente. Há atos praticados por jovens que têm persistido ao longo dos tempos na vida das sociedades, mas simultaneamente, têm-se registado alterações no padrão da delinquência em função de diferentes períodos históricos, sociais e económicos, fazendo emergir novas formas de delinquência, como sejam os crimes que fazem uso das tecnologias.

Falando da delinquência juvenil em Bissau, os nossos interlocutores afirmam que esta seria “menos agressiva e perigosa comparando com outros países [...], porque em outros países é muito comum ver jovens cometendo assaltos a mão armada. Já em Bissau é mais fácil ver jovens consumindo bebidas alcoólicas, drogas, uso de roupas de marcas não comum na sociedade guineense”. (Mutaro)

Tem motivos bem fortes por de trás de tudo, porque a situação de delinquência deve-se a falta de ocupação. Eu acho é por falta de condições que leva jovens de Bissau a delinquência, em outras palavras pode dizer-se que é da fraqueza do nosso estado, que não cria condições para nossos jovens. Não temos escolas que prestam, não temos oportunidade de emprego. Em termos gerais eu responsabilizo nossos governantes por grande número de delinquentes em Bissau. (Albino)

Contudo, ainda que seja a delinquência juvenil um fenómeno de forte visibilidade social, diversos estudos, em diferentes contextos, têm revelado que “enquanto que a maioria dos adolescentes poderá envolver-se, ainda que ocasionalmente, em atividades antissociais, só um número restrito apresentará comportamentos delinquentes graves e persistentes” (Negreiros 2008: 7 apud Perista et al).

III.III Violência e Criminalidade

A violência é definida como a utilização da força física ou do poder, verdadeiro ou em prenúncio, contra si, contra o outro, contra um conjunto de indivíduos de uma mesma classe, estado, que venha ou não a provocar danos físicos, psicológicos, óbito, insuficiência de progressão ou privação (Krug et al., 2002, Dahlberg e Krug, 2007 Apud Vieira 2010).

De acordo com Soares (2007 apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011) não são fáceis as explicações para a questão da violência e do crime, sendo necessário não se fazer generalizações a seu respeito. Para o autor não existe o crime, no singular. Há vários tipos de práticas criminosas, ligadas a dinâmicas sociais diversas. Dessa maneira não é possível identificar uma única causa para o multifacetado mundo da

criminalidade. De acordo com Beato (1998 Apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011), os sociólogos são familiarizados com duas teorias que se opõem uma à outra, quando se procura uma definição para as causas da criminalidade. A primeira aborda a questão da violência e da criminalidade como fenômenos que se devem, segundo Beato (1998 apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011), a fatores sociais, tais como: falta de recursos financeiros, privação de oportunidades, desigualdade social e marginalização, que seriam fatores determinantes para a ação criminosa. A segunda teoria atribui ao indivíduo e às práticas criminosas, um ataque ao consenso moral e normativo da sociedade; assim, o crime seria produto da prática criminosa de um indivíduo imoral ou amoral. Dessa forma, para restabelecer os principais valores da sociedade, ainda segundo o autor citado, a punição do crime torna-se necessária.

De acordo com Frade (2007 apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011), essas duas teorias que abarcam o assunto, cada qual privilegiando um determinado aspecto de toda essa complexidade, podem ser classificadas em:

- 1) Teorias individualistas - que colocam totalmente sobre o indivíduo o motivo de se cometer um crime, seja por meio de explicações biológicas ou de explicações psicológicas.
- 2) Teorias sociológicas – nessa abordagem o crime tem uma explicação sociológica, pois ele é dependente do papel do contexto cultural e social em que ocorre.

Frade (2007 apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011) reconhece a existência de críticas para cada uma das teorias e em nenhuma das duas se encontra uma resposta definitiva, porém atualmente a análise sobre o crime e a criminalidade tende a ser cada vez mais vista sob um olhar sociológico, superando a visão individualista.

Pino (2007 apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011), por sua vez, declara que a violência é um tema complexo e exige uma análise aprofundada que contemple os fatores sociais, econômicos e políticos. A violência e a crescente criminalidade presente na Guiné-Bissau não veio do nada. Segundo o *Serviço especial Lusa/DN (2016) a Guiné-Bissau ganhou em 2007 o estatuto de narcoestado, tornando-se numa plataforma de circulação internacional de droga da América do Sul para a Europa. A ONU acusou os grandes traficantes de estarem "infiltrados nas estruturas do Estado" e "a atuar*

impunemente" na Guiné-Bissau. Hoje, o país continua a fazer parte de um grupo de 11 países da região vulneráveis ao tráfico de droga mas a situação parece estar a mudar.

A detenção em flagrante por agentes norte-americanos do oficial da marinha guineense Bubo Na Tchuto e seus cúmplices, em abril de 2013 (depois de atraídos para fazer parte de uma transação de cocaína encenada para os capturar), teve um efeito dissuasor.

Segundo o jornalista guineense Sumba Nansil (E-Global, 12/08/2016), a Polícia Judiciária (PJ) guineense registrou maior número de apreensões de drogas em 2016, com um total, até o corrente mês de agosto, de 17 casos, comparativamente com 2014 em que foram registrados, ao longo de todo ano, 9 casos, e em 2015 um total de 13 apreensões. Estes dados foram confirmados à e-Global pelo Diretor Nacional Adjunto da PJ, Fernando Jorge, que considera que esta evolução deve-se à melhoria da eficácia dos seus agentes, e acrescentou que a maioria das pessoas detidas são guineenses e estudantes, majoritariamente provenientes do Brasil.

Isto demonstra uma certa preocupação com aumento de tráfico de droga, por parte da PJ, contudo podemos afirmar que os nossos agentes também se encontram bem posicionados no terreno face a esta nova realidade, que envolve cidadãos nacionais que estudam no Brasil e que os traficantes contratam para transportes de drogas para Guiné-Bissau. (Fernando Jorge apud E-Global, 2016)

Sobre as apreensões, Fernandes Jorge anunciou no Jornal citado mais casos de detenções, de mais de 700 gramas de cocaína.

Neste mês de agosto já registramos duas apreensões no Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira com uma quantidade de perto de 1 quilo. Entre as 17 pessoas detidas, três são de nacionalidade nigeriana, uma de nacionalidade portuguesa, outra de nacionalidade namibiana e 12 cidadãos da Guiné-Bissau. (Fernando Jorge apud E-Global, 2016)

No entanto, os canais de distribuição permanecem e agora há um fenómeno preocupante: a procura de droga por parte dos próprios guineenses, principalmente a população jovem que cada vez mais se envolve ao mundo do crime. Os nossos entrevistados são unânimes em reconhecer que o envolvimento do jovem ao mundo do crime afeta as suas relações sociais e familiares, havendo casos de pais e parentes que temem que estes jovens “criminosos contaminem os mais novos” (Julaica).

O envolvimento ao mundo de crime, obviamente, afeta as suas relações sociais e familiares, pois criminalidade já é um ponto extremo da delinquência. O ser delinquente pode até criar uma imagem menos discriminatória entre colegas do mundo do crime por causa do status fixo que você tem. Mas a partir do momento que o jovem entra na criminalidade vai criar um outro olhar por parte da família e da sociedade, a discriminação aumenta. As famílias guineenses são muito extensas [...], então você acaba sendo excluído na família por não querer ser discriminado. Na nossa sociedade qualquer problema individual acaba se tornando familiar. Ou seja, um problema individual acaba prejudicando e envolvendo toda a família extensa [...]. Muita família guineense é tradicional. Por isso, para evitar que as pessoas falem que a culpa é da família, acabam reagindo negativamente contra você e de forma violenta, o que faz com que te abandonem [...]. Consequentemente, você acaba sendo excluído pela sociedade a partir do momento que a sua própria família te abandona. (Mutaro)

Entretanto, o país conhecido no mundo pelo tráfico transforma-se cada vez mais num "país de consumo. Em países de desenvolvimento lento "a violência se torna uma característica das relações sociais, evidenciando a carência social que o país enfrenta. (Pinheiro, 1997 apud Baltazar, Stocki & Kafrouni, 2011), o que nos leva a afirmar que na Guiné Bissau existe uma interação estreita, embora não causal, entre criminalidade, violenta e as condições socioeconômicas. Daí que muitas avaliações de programas bem-sucedidos no combate à criminalidade encontrem em intervenções sociais seus resultados mais positivos.

III.IV Drogas: principal causa da alteração da atividade mental, delinquência e violência

Segundo Patrício (1995 apud Có Junior, 2013), no sentido mais amplo define-se como droga "quaisquer substâncias naturais ou de síntese (manipuladas ou criadas pelo homem), que, ao serem absorvidas pelo organismo humano, provocam alterações psíquicas, nomeadamente do estado de consciência, e também alterações físicas". As alterações da atividade mental, das sensações de comportamento, são geralmente associadas a uma vivência de prazer, ou de alívio da dor.

Estas ações norteiam nossa forma de pensar as “drogas”, adotando a visão de Martine Xiberras, na apreensão do problema e da questão social. É que, apesar da vasta produção científica, de disposições legais e de sanções morais, a toxicodependência é alvo dos meios de comunicação que se volta para essas “zonas de sombra existentes em toda sociedade” (XIBERRAS, 1998 apud Có Junior, 2013), focando a questão de modo a favorecer as ambiguidades e os estereótipos.

A psicologia e suas clínicas têm contribuído para se entender as drogas entre os produtos da farmácia às quais muitas se associam, têm defendido os setores favoráveis à legalização do uso, em particular da cannabis, para fins terapêuticos, como as drogas de síntese, incluídas em analgésicos, ansiolíticos, antidepressivos. Porém, as classificações das drogas que norteiam sistemas jurídicos são dos anos 50, portanto, ideologicamente convenientes, pois os avanços da farmacologia, em medicamentos de síntese, são pouco associados a drogas ilícitas: alcaloides (cocaína), opiáceas (heroína), LSD, naturais das diversas plantas.

Segundo Có Junior (2013), entre as classificações, a mais conhecida de entre elas, desenvolvida no decurso dos anos 50, é a proposta pelos psiquiatras Jean Delay e Pierre Deniker (apud Có Junior, 2013). Ela se assenta na distinção entre quatro tipos de ação psicotrópica:

- uma ação tendente a dinamizar o psiquismo, aumentando a vigilância, melhorando o humor deprimido, mas suscetível igualmente, por vezes, de precipitar crises de ansiedade ou de excitação (trata-se dos psicoanalépticos como a cocaína ou os antidepressivos);

- uma ação, pelo contrário, depressiva, que leva ao sono, ou à sedação, e a manifestações delirantes ou agressivas (os psicolépticos como a heroína ou os neurolépticos);

- uma ação características de substâncias visando a normalizar o humor de alguns pacientes que alternam fases de depressão e de excitação (normotímicos, que são medicamentos e não podem dar lugar à toxicomania);

- uma ação enfim sem interesse terapêutico para os nossos dias, mas integrada, nas sociedades tradicionais e outrora no Ocidente, em numerosas práticas religiosas ou rituais, e provocando alucinações cada vez mais fortes ou, pelo menos, perturbações da

personalidade com sensação de irrealidade (trata-se dos psicodislépticos como o LSD, o peyotol e algumas plantas). (RICHARD, 1997 apud Có Junior, 2013).

Estas classificações, ainda segundo Có Junior, foram adotadas porque norteiam as classificações jurídicas que associaram a toxicodependência e o crime, por interesses ideológicos, econômicos e políticos em jogo.

De uma maneira geral, vale notar que a violência onera os sistemas de Saúde de cada país, incluindo a Guiné- Bissau, seja pelo número de atendimentos ambulatoriais, seja por internações hospitalares. O custo médio em dinheiro para pagamento das hospitalizações por causas externas é maior que o de causas naturais (Jorge e Koizumi, 2004 apud Có Junior, 2013).

Esse cenário que mostra o envolvimento dos adolescentes com o crime, ora como vítimas, ora como autores, suscita reflexões sobre mecanismos de enfrentamento e de estratégias de promoção da saúde. Có Junior (2013) sugere que os órgãos governamentais, não governamentais e a sociedade civil repensem estratégias de inclusão social, visando minimizar as iniquidades que influenciam na perspectiva de vida desse grupo populacional.

Conclusão

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como objetivo geral fazer um breve estudo sobre a toxicodependência, delinquência juvenil e violência na Guiné-Bissau, com o intuito de desvendar as causas da toxicodependência e da delinquência juvenil na sociedade guineense. Por outro lado, procuramos saber o que leva um número considerável de jovens a preferir a delinquência, em vez de apostar nos estudos e/ou arrumar emprego.

A principal questão teórica usada durante a pesquisa foi a toxicodependência. Outros temas, como a delinquência, delinquência juvenil, criminalidade, violência, entre outros foram analisados a partir da questão principal. Trata-se de um estudo descritivo, realizado através de um estudo de caso com abordagem qualitativa.

Os dados e o material aqui analisados foram coletados através de entrevistas - com questões abertas e fechadas - com os estudantes guineenses na UNILAB e a análise teve como base um referencial teórico multidisciplinar. No total foram realizadas 10 (dez) entrevistas, numa média de 40 minutos por entrevista.

A partir da análise dos dados coletados, foi possível perceber que, segundo os nossos interlocutores, o problema da droga/toxicodependência na Guiné-Bissau é gravíssimo e requer políticas públicas concretas para reduzir a dor e o sofrimento dos toxicodependentes e suas famílias, embora evidentemente não sejam de pouca importância a segurança, a defesa, a justiça e a contenção do narcotráfico. Revelam-se ainda índices razoavelmente preocupantes com relação ao crescente número de meninas envolvidas no mundo do crime.

Na Guiné-Bissau, a toxicodependência não é recente, é antiga, crônica, e pouco debatida nas esferas sociais: mídias, políticos, acadêmicos, sociedade civil. Nas associações de pais e encarregados de educação, o tema é tabu, ao passo que entre adolescentes e jovens a droga é realidade clara.

De fato, um número considerável de jovens de Bissau prefere se envolver com a criminalidade por causa da pobreza, falta de oportunidades e de condições socioeconômicas que lhes permitam uma vida digna, o que faz com que muitos jovens,

automaticamente, procuram algo para fazer, e muitas das vezes acabam recorrendo o mundo do crime.

A vulnerabilidade das fronteiras aérea, marítima e terrestre da Guiné-Bissau em materiais e equipamentos (radares, vedetas e barcos) para fiscalizar e conter as ações do narcotráfico tem vindo a denegrir a imagem do país como narco-estado. De fato, a situação deteriorou-se substancialmente com a instabilidade, a falta de vontade política e sucessivas sublevações militares, chegando ao ponto de envolver políticos e militares como atores principais no tráfico de droga.

A droga mais consumida entre os adolescentes e jovens é a *cannabis*, por ser barata e fácil de adquirir, pode ser comprada por todo lado. Para muitos adolescentes e jovens, a *cannabis* não é vista como uma droga, e sim como uma erva normal. Entretanto, o país conhecido no mundo pelo tráfico transforma-se cada vez mais num "país de consumo".

Conclui-se, a partir do estudo, que na Guiné-Bissau existe uma interação estreita, embora não causal, entre criminalidade, violência e as condições socioeconômicas. Daí que muitas avaliações de programas bem-sucedidos no combate à criminalidade encontrem em intervenções sociais seus resultados mais positivos.

Referências Bibliográficas

- BALTAZR, C. S.; STOCKI, J. F. & KAFROUNI, R. “O conceito de Crime e Criminalidade para agentes de segurança da cidade de Curitiba”. In: **Polis e Psique**, Vol. 1, n.1, 2011, pp. 110 – 129.
- BRUYNE, P. D.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. D. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- CARVALHO, Abel Fernando Nunes de. **Análise dos fatores que levam os jovens a delinquir**. Disponível em: <http://www.psicologianaactualidade.com/upload/Tese%20reformulada%20Final.pdf> Acesso em: 19 de maio de 2016.
- CÓ JÚNIOR, Abílio Aleluia Otaíro. **A Droga Entre os Jovens: Uma Análise Sobre o Consumo na Guiné-Bissau**. 2013. 205 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – ESPP/ISCTE/IUL, Lisboa, 20113.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueria. "Guiné-Bissau"; **Brasil Escola**. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/guinebissau.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2016.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- Jornal **E-GLOBAL**. Lisboa. Edição de sexta-feira, 12 de agosto de 2016. <http://e-global.pt/noticias/lusofonia/guine-bissau/em-2016-a-pj-guineense-ja-apreendeu-mais-drogas-que-nos-anos-precedentes/>
- PERISTA, Heloísa; CARDOSO, Ana; SILVA, Mário; CARRILHO, Paula. **Delinquência e Violência Juvenil em Portugal**: Traçando um retrato a diferentes vozes. Lisboa: Centro de Estudos para Intervenção Social, 2013. Disponível em: http://www.youprev.eu/pdf/YouPrev_NationalReport_PT.pdf Acesso em 23 de abril de 2016.
- PUREZA, José Manuel; ROQUE, Sílvia; CARDOSO, Katia (orgs.). **Jovens e trajetórias de violências: os casos de Bissau e da Praia**. Coimbra: Almedina, 2012.
- TITTONI, J. & Jacques, M. G. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciência Social: A Pesquisa Qualitativa em Educação. O Positivismo, a Fenomenologia, O Marxismo**. São Paulo: Atlas S.A. 1994. Disponível em:

<<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/sidemar/tcc/84708933-Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos.pdf/view>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; PORDEUS, Augediva Maria Jucá; LUNA, Geisy Lanne Muniz; *et al.* **Mapeamento da produção científica sobre delinquência juvenil**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Coletivo, 2010.

ANEXOS

ANEXO I: Roteiro de entrevistas

1. Dados básicos:
2. Nome
3. Idade
4. Sexo
5. Origem étnica
6. Cidade de origem
7. Bairro de origem

8. O que você entende por delinquência?
9. Fale da delinquência juvenil em Bissau
10. Por que é que um número considerável de jovens de Bissau prefere se envolver com a criminalidade?
11. O que motiva jovens a se envolverem com a violência e, conseqüentemente, ao consumo e venda de drogas?
12. Até que ponto o envolvimento do jovem ao mundo do crime afeta as suas relações sociais e familiares?
13. Fale das suas percepções sobre os estigmas e sanções sociais, jurídicas e familiares sofridas pelo dependente.
14. Fale do impacto familiar, social e individual do consumo de drogas legalmente proibidas.
15. O que leva os jovens a preferirem a delinquência em detrimento dos estudos?

16. O que é que leva algumas meninas de Bissau a se envolverem com os delinquentes e/ou ao mundo do crime?
17. Quais são os fatores que levam à delinquência?
18. Qual é a relação de esses jovens com a justiça?
19. Você conhece alguns jovens delinquentes? Eles trabalham? Como conseguem sustentar o vício?
20. No seu entender, o que leva os jovens delinquentes a cometerem atos infratores?
21. Será que a delinquência faz parte de projeto de vida de alguns jovens?
22. Como é que adquirem o comportamento delinquente?
23. Em qual idade esses jovens se começam se envolver com drogas?
24. Porquê tem mais meninos delinquentes do que meninas?
25. Quais ganhos positivos dos jovens na delinquência?

ANEXO II: Apresentação dos Entrevistados

Nome	Idade	Estado Civil	Curso	Sexo	Bairro	Grupo etnolinguístico
01. Mutaro Bari	34	Solteiro	Química	Masculino	Cupelum	Fula
02. Julaica Gomes Ferreira	23	Solteira	Enfermagem	Feminino	B. Ajuda	Manjaca
03. Francisca da Costa	22	Solteira	Administração Pública	Feminino	Praça	Manjaca
04. José da Silva	30	Solteiro	Humanidades	Masculino	Mindará	Papel
05. Joaquim Fonseca	23	Solteiro	Administração Pública	Masculino	Lala Queima	Balanta
06. Júlia Barbosa	22	Solteira	Enfermagem	Feminino	Santa Luzia	Bijagós
07. Aissatu Djaló	23	Solteira	Humanidades	Feminino	Cupelum	Fula
08. Albino da Costa	30	Solteiro	Letras	Masculino	Bandim	Manjaco
09. Casemiro Tavares	26	Solteiro	Sociologia	Masculino	Luanda	Papel
10. Silvestre Lima	23	Solteiro	Enfermagem	Masculino	Santa Luzia	Manjaco